

## Obituário

### Olympio Oliveira Ribeiro da Fonseca (\*)

1895 - 1978

Eminente professor, cientista e administrador, faleceu no Rio de Janeiro, em 19 de abril do corrente ano, aos 83 anos de idade.

Foi o primeiro Diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, cuja missão, atribuída em Lei pelo Congresso Nacional, diz: "Tendo como finalidade o estudo científico do meio físico e das condições de vida da região amazônica, tendo em vista o bem-estar humano e os reclamos da cultura, da economia e da segurança nacional". Ocupou o cargo no período de 4 de junho de 1954 a 20 de outubro de 1955.

Membro do Conselho Deliberativo do Conselho Nacional de Pesquisas, foi convidado em princípios de 1954, pelo então Presidente Vice-Almirante Álvaro Alberto, para dirigir o recém criado Instituto. Seu largo tirocínio em pesquisa científica, ensino, administração e, sobretudo, as múltiplas relações com pesquisadores nacionais e estrangeiros, além da condição de membro da Liga de Defesa Nacional, da qual era Presidente Álvaro Alberto, o credenciaram como cientista e patriota para ocupar o cargo.

O INPA fora proposto durante a 104.ª Sessão do Conselho Deliberativo do CNPq, em 12 de agosto de 1952, por iniciativa do Presidente Álvaro Alberto, face às muitas dúvidas que pairavam sobre a implantação, na Amazônia, de um "Instituto *Internacional* da Hylaea Amazônica", proposta esta feita por Paulo de Berredo Carneiro, secundada por outros brasileiros, inclusive Olympio da Fonseca, um dos delegados brasileiros à Primeira Assembléia Ge-

ral da UNESCO (Paris, 1946). Devido a direitos ilimitados de extraterritorialidade; participação de 9 nações e 7 organizações internacionais; voto único do Brasil entre os 17 participantes e outros pontos controversos e lesivos aos interesses nacionais, foi o "Instituto Internacional da Hylaea" combatido por vários brasileiros. Estivemos, juntamente com outro colega do Museu Nacional, na vanguarda dos que julgavam injustificada essa ação e nesse sentido fomos dos primeiros a levar o assunto ao conhecimento do ex-Presidente Arthur da Silva Bernardes, de quem éramos amigo pessoal. Esse eminente homem público lutou denodadamente contra o Projeto na Câmara dos Deputados, ocorrendo logo a seguir o veto pelo Conselho de Segurança Nacional.

O fato de ser Olympio da Fonseca amigo íntimo de Álvaro Alberto e um dos proponentes do "Instituto *Internacional* da Hylaea", acredito, ter ele reconhecido sua inconveniência para o País, levando-o a aceitar essa grande tarefa. Para isso arregaçou as mangas e não mediu esforços.

la ser o Diretor de um Instituto cobrindo uma área de 4.500.000 km<sup>2</sup> (Hiléia) acrescido em 1945, legalmente, para 5.030.000 km<sup>2</sup>. Mais uma vez, a influência de um cientista iria se fazer sentir na Amazônia, uma vez que Arthur Neiva, quando deputado, levantara a Política de incorporação da Amazônia ao Nordeste e ao resto do País (1936), que resultou o Artigo 199 da Constituição de 1946 e na criação da Superintendência de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), pela Lei n.º 1806, de 6 de janeiro de 1953.

(\*) — Em 4 de maio de 1978, recebi carta do eminente amigo e atual diretor do INPA, Dr. Warwick Estevam Kerr, comentando a morte do Professor Olympio da Fonseca, na qual era incluída a seguinte ordem: "Como você era muito ligado a ele, solicito-lhe o favor de escrever um necrológio, ressaltando sua participação na Direção do INPA, para sair em *Acta Amazônica*". Uma solicitação desse tipo é uma ordem que deve ser cumprida. Eis a explicação da presente nota.

Lembro-me ainda bem da entusiástica reunião da grande Comissão Nacional Consultiva, em 17 de dezembro de 1952, presidida por Dom Pedro Massa, Prelado do Rio Negro. Éramos 22 brasileiros, com o pensamento voltado para a Amazônia. Relembro com saudades os colegas Angelo Moreira da Costa Lima, Adolpho Ducke, João Geraldo Kuhlman, Gastão Cruis, bons conhecedores da região. Na ocasião, aprovamos a minuta da Exposição de Motivos e do Decreto de criação do Instituto.

Em maio de 1954, após visitar a Amazônia, escreveu-me o Doutor Olympio da Fonseca, convidando-me para colaborar com ele e chefiar a III Divisão do INPA que deveria abranger a Botânica, Zoologia, Limnologia, Microbiologia, Genética e Ecologia. Nessa época encontrava-me na "Smithsonian Institution", Washington D.C., realizando estudos de pós-doutoramento. Movido por um sentimento de ética, já que havia combatido o "Instituto Internacional da Hylaea", aceitei prontamente o convite e dediquei-me, a seguir, ao preparo dessa magna tarefa.

A instalação do Instituto realizou-se em Manaus a 28 de julho de 1954, sob a Presidência do eminente historiador e homem de letras Arthur Cezar Ferreira Reis, então na Superintendência do Plano para Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA).

Entusiasmado com o novo encargo, o Doutor Olympio da Fonseca regressou pouco depois ao Rio de Janeiro. Em seu modesto laboratório no Instituto Oswaldo Cruz, o qual tive a honra de freqüentar, passou a trabalhar, da manhã à noite, no afã de organizar o INPA. Tive oportunidade de acompanhá-lo em palestras e conferências onde sempre se referia ao novo Instituto: "... Além das investigações científicas aplicadas, um dos objetivos do INPA terá de ser, forçosamente, a investigação desinteressada, a ciência pura, sem a qual não há instituição científica digna desse nome e que, com o tempo, possa contribuir eficazmente para o progresso material da nação"... "limitada a pesquisa aos aspectos de suas aplicações imediatas e descurada a formação teórica dos técnicos dela encarregados, a ins-

tituição se torna inteira e inevitavelmente subsidiária dos Centros em que os problemas fundamentais são mais profundamente investigados". Bem se vê assim que fora discípulo de Oswaldo Cruz e colega de Adolpho Lutz e Carlos Chagas.

No tocante à formação de pessoal científico, assim se referia: "...na formação de técnicos, especialistas e pesquisadores, o papel do INPA deverá ser da maior importância". A seu ver, os cursos de formação de pessoal de todos os níveis recrutados localmente na Amazônia, a criação de uma Faculdade de Ciências, a criação de uma Escola de Medicina Tropical e obrigatoriedade do conhecimento de, pelo menos, duas línguas (dentre o inglês, francês e alemão), deveriam-se constituir em metas básicas do Instituto.

Convicto de que um Instituto de vulto deve recrutar homens de ciência, não apenas nacionais mas também estrangeiros, fato esse aludido no próprio Decreto de criação do INPA, assim agiu convidando pesquisadores de vários Centros, num total de 15 nacionalidades. Muitos deles, contudo, não chegaram sequer a iniciar suas atividades em Manaus.

Tentou o Doutor Olympio da Fonseca estruturar o INPA em 6 Divisões com 32 Setores, 5 Serviços Técnico-Auxiliares e 6 Serviços Administrativos. Desejava um Instituto com a mesma grandeza da imensidão verde da Amazônia. Nunca pode receber a colaboração do Conselho Técnico-Administrativo, pois este, durante sua gestão, jamais conseguiu se reunir. Afirmou em seu Relatório Geral ter que "... decidir por sua própria iniciativa e resolver com os próprios meios, os problemas administrativos por vezes complexos".

Não foi mais feliz nos orçamentos e auxílios por parte do CNPq. Houve pouca ajuda financeira e pouca compreensão para a magnitude e importância da tarefa. Durante sua administração, coube à SPVEA, graças ao esclarecido descortino de Arthur Cezar Ferreira Reis, suprir a maioria dos recursos para Manaus e Belém (Museu Goeldi). Afirmo o Diretor e homem público, angustiado pelos míseros recursos que recebia: "... Se não fos-

sem os recursos postos à disposição do INPA pela SPVEA... sua única fonte de receita, já teria o Instituto fechado suas portas e deixado de existir".

Como Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi, fundado por meu conterrâneo Ferreira Pena e incorporado ao INPA mediante convênio efetivado com o Estado do Pará, no Governo do General Zacarias de Assunção, pude bem aquilatar as dificuldades enfrentadas na época. Esse convênio, sugerido e levado a termo pelo Doutor Olympio da Fonseca, tinha em mira administrar o Museu durante 25 anos, ressaltados todos os direitos de propriedade do Estado. Assinado em 7 de dezembro de 1954, coube-me assumir a direção do Museu em 14 de abril de 1955. Graças a esse convênio, o precioso acervo ali existente pode ser preservado e ampliado. Era intensão do Professor Olympio da Fonseca construir um novo edifício para o Museu "...adaptado às condições especiais do ambiente amazônico". Para isso contratou os serviços profissionais do arquiteto Flávio Marinho Rêgo Paixão.

Outra de suas preocupações foi salvar o que ainda restava da Biblioteca do Museu Botânico Amazonense, fundado por outro de meus conterrâneos, João Barbosa Rodrigues, mediante convênio com o Colégio Estadual do Amazonas, prevendo facilidades mútuas para ensino e pesquisa. Convênio idêntico fora celebrado com a Santa Casa de Misericórdia de Manaus para propiciar pesquisas em medicina tropical.

O Doutor Olympio Oliveira Ribeiro da Fonseca envidou todos os esforços, possíveis na época, para instalar convenientemente o INPA e provê-lo de pesquisadores capazes e dedicados. Com apenas um ano de prazo, conseguiu iniciar as atividades de 19 dos 32 setores planejados. Lutou por todos os meios para equipar os laboratórios, esbarrando com o alto custo, deficiência e dificuldades de transporte de material.

Nossa convivência, em função não apenas da confiança que em mim depositava, mas, sobretudo, pela posição que eu ocupava no Instituto do qual o Museu Paraense era a mo-

la mestra e peça principal, me permitiu avaliar bem sua dedicação à causa que abraçara. Merecendo a confiança das Forças Armadas, dos Políticos e Autoridades Eclesiásticas, viu-se, de um dia para outro, impossibilitado de continuar sua missão. É que o Vice-Almirante Álvaro Alberto, por razões de todos conhecida, seu grande amigo e companheiro da Liga de Defesa Nacional, vira-se na contingência de pedir exoneração do cargo de Presidente do CNPq. Não hesitou um só instante em acompanhar aquele que o havia convidado para dirigir o INPA. Era um homem daqueles que colocam a amizade pessoal e a ética social em primeiro plano. Conseguiu sobreviver a todas as dificuldades que lhe haviam sido antepostas na primeira fase de vida do INPA. Sentindo que fatalmente não teria de outros o apoio que lhe dera Álvaro Alberto, que, embora precário no campo dos recursos materiais, por injunções além do seu alcance, nunca lhe faltara no terreno da confiança mútua e da amizade pessoal, não teve dúvidas em colocar também o cargo à disposição do CNPq.

O Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia deve a ele, como seu primeiro Diretor e incentivador, muitas das linhas mestras de ação ali seguidas atualmente, linhas estas ampliadas, ligeiramente modificadas ou sofrendo adições, por outros beneméritos que perlustam o Instituto e diretores e funcionários que nele trabalham no presente. Uma Instituição de Ciência é sempre um somatório de esforços dos que nela labutaram no passado e nela atuam no presente.

Doutor em Medicina pela Universidade do Brasil, Doutor em Ciências pela Universidade do Distrito Federal, Doutor Honoris Causa pela Universidade de Paris, distinguiu-se sobremodo como Professor e pesquisador. Interessava-se particularmente pela Micologia Geral e Médica, Parasitologia e Medicina Tropical, especialidades nas quais concentrava suas atividades empreendendo numerosos trabalhos no Brasil, França, Japão e Estados Unidos da América. Chegou a publicar 150 trabalhos originais.

Ao elaborar meu primeiro trabalho científico, versando sobre uma protozoose em

*Rana catesbiana* Shaw, fui procurá-lo na Faculdade de Medicina, da Praia Vermelha. Na ocasião, por curiosa coincidência, ministrava aula de protozoologia e mostrava aos seus discípulos o *Enteromonas hominis* Fonseca, 1915, parasito do intestino humano que descrevera anos atrás. Para mim, recém-egresso de um Curso Superior, foi a oportunidade uma ocasião excepcional, recebendo grande estímulo, ao mesmo tempo em que me regozijava em ter pela frente um renomado pesquisador que descobrira um protozoário parasito do intestino humano.

Foi Professor Titular de Parasitologia da Universidade do Brasil; da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Distrito Federal; Assistente, Chefe de Laboratório, Biologista e Diretor do Instituto Oswaldo Cruz (Manguinhos); Conservador do Herbário da Cadeira de História Natural Médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e Assistente e Chefe de laboratório da Clínica Dermatológica e Sifilográfica dessa Faculdade; Professor de Biologia Geral e Botânica do Curso Complementar do Colégio Pedro II e Professor de Protozoologia, Micologia e Biologia Geral do Instituto Oswaldo Cruz. Nessas atividades de ensino e pesquisa, tornou-se um nome consagrado no Brasil e no Exterior.

O prestígio então adquirido levou-o a ocupar cargos de direção importantes ou presidência de conclave científicos nacionais e internacionais. Foi Diretor de campo, no Brasil, da Fundação Rockefeller; Presidente do V Congresso Internacional de Microbiologia (Rio de Janeiro); Presidente Honorário do VI (Roma) e VII (Estocolmo) Congressos Internacionais da mesma especialidade; Membro do Conselho Deliberativo do Conselho Nacional de Pesquisas; Membro e Vice-Presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC).

Foi honrado por várias Associações científicas pela inclusão em seus quadros: Mem-

bro da Academia Nacional de Medicina; Membro Honorário da Academia de Medicina Militar; Academia de Medicina da Bélgica; Sociedade Micológica da França; Sociedades Francesa, Argentina e Espanhola; Membro Correspondente de várias organizações: Academia de Medicina de Buenos Aires e de Caracas; Sociedade de Biologia de Paris; Sociedade de Patologia Exótica de Paris; Real Sociedade de Medicina Tropical de Londres; Sociedade Alemã de Microbiologia; Sociedade Francesa de Tuberculose; Associação Francesa, Americana e Argentina de Dermatologia; Sociedade Argentina de Patologia Infecciosa e Epidemiológica; Sociedade Médica de Guayas (Equador); Sociedade Filomática de Paris e outras associações.

Viajou muito em missões científicas no Brasil e no Exterior. Integrou a missão do Comité de Higiene da Liga das Nações, percorrendo o Extremo Oriente e a África do Sul. Durante a II Grande Guerra Mundial percorreu Universidades americanas fazendo conferências sobre doenças tropicais, a convite da "John and Mary Markle Foundation". Realizou várias conferências na Europa, sobretudo Paris.

Era Membro Titular da Academia Brasileira de Ciências e foi agraciado com numerosas comendas e condecorações, entre elas a de Oficial da Legião de Honra da França e Comendador da Ordem Nacional de Saúde Pública do Governo Francês.

O desaparecimento de tão eminente homem de ciência deixa enlutada a cultura nacional e sobretudo o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, que foi a "menina de seus olhos", na primeira e difícil fase de sua implantação. Na memória de seus amigos e colaboradores sua figura de "professor-cientista-patriota" persistirá inabalada.

*José Candido de Melo Carvalho*, Ph.D.  
Vice-Presidente do Conselho Federal de Cultura  
Museu Nacional, Rio de Janeiro